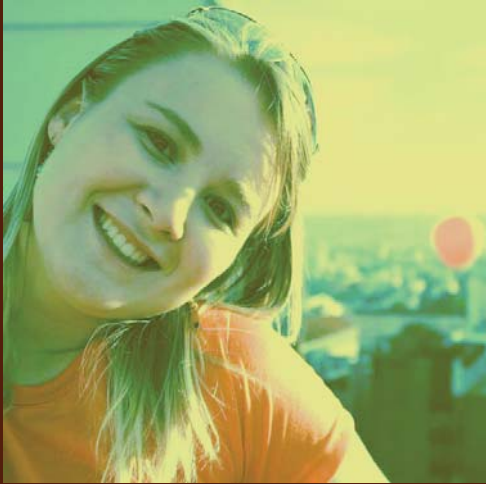


# Portfolio

*Graciela Lopes Tocchetto*



Este portfolio pertence à Graciela Lopes Tocchetto, acadêmica do curso de Desenho Industrial com habilitação em Programação Visual, na Universidade Federal de Santa Maria - RS.

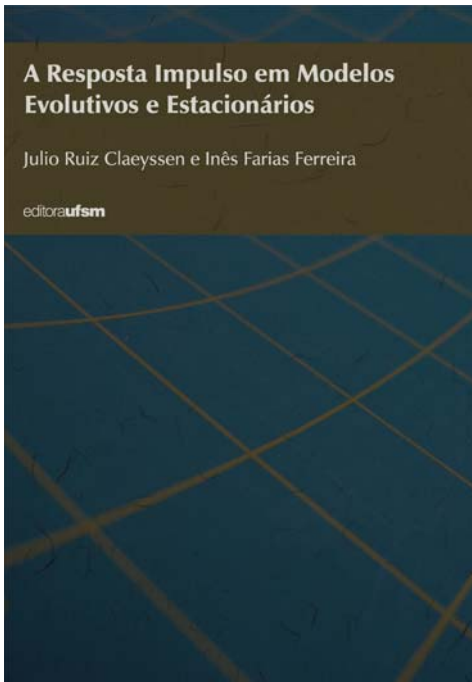
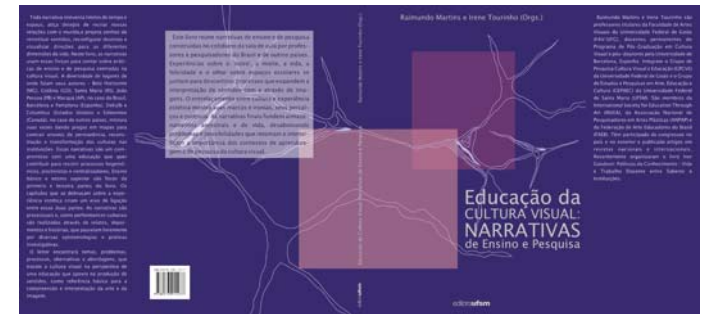
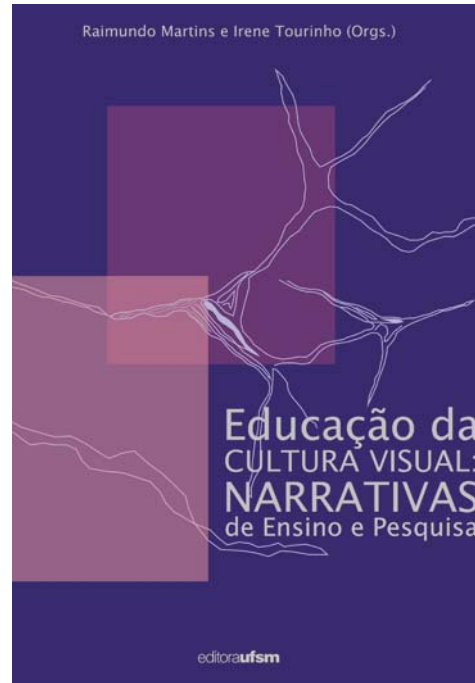
Contato: F. (51) 21034678 ou 97080728 e [graciela@tocchetto.com](mailto:graciela@tocchetto.com)

Meu currículo disponível em <http://graciela.tocchetto.com/curriculo>

\* *Projetos de Capas de Livros*

Desenvolvidos na EditoraUFSM.

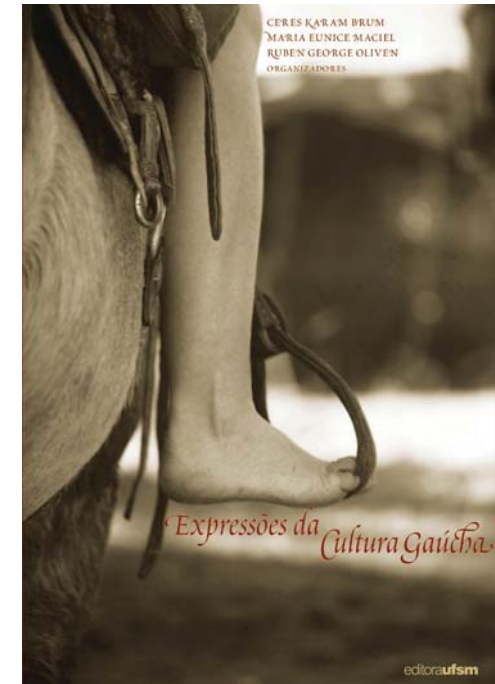
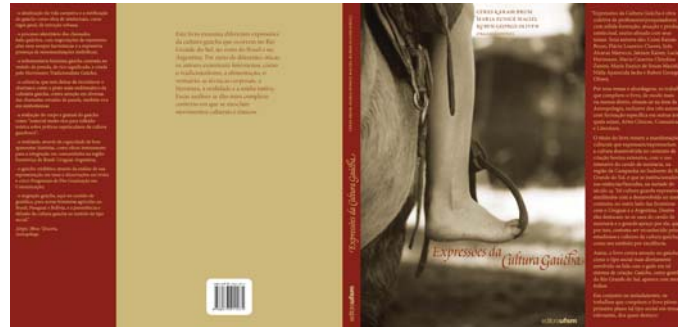
Livros publicados em 2009.



\* Projeto de Capa e Diagramação

Desenvolvido na Editora UFSM.

Livro publicado em 2010.



### Currículo Resumido dos Autores

✎

#### Ceres Karam Brum

É doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e atua como professora do Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria. Publicou, em 2006, o livro *Esta terra tem dono: representações do passado missionário no Rio Grande do Sul*, pela Editora da UFSM.

#### Flávio Loureiro Chaves

É doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Foi professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor convidado na Universidade de Rennes, França. Publicou *História e Literatura* (1999), *Érico Veríssimo: o escritor e seu tempo* (2001) e *Ponta de Estoque* (2006).

#### Inês Alcaraz Marocco

Professora, pesquisadora e diretora teatral. Tem formação na Escola Jacques Lecoq e doutorado em Paris 8, Saint-Denis-França. Atualmente faz parte do Departamento de Arte Dramática da UFSM, onde também ministra aulas no Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas.

#### Jakzam Kaiser

É mestre em Antropologia Social (1996). Atua como Diretor-Editor da Editora Letras Brasileiras. Tem mais de uma dezena de títulos publicados em áreas distintas como turismo, literatura, antropologia e direitos do consumidor, dentre os quais *O Brasil das Gaúchas* (1999) e *Aventura no Caminho dos Tropicais*

1

RUBEN GEORGE OLIVEN

com o qual manteríamos uma relação especial. A ênfase nas peculiaridades do estado e a simultânea afirmação do pertencimento dele ao Brasil se constituem num dos principais aspectos da construção social da identidade gaúcha que é constantemente atualizada, reposta e evocada.

Primeiro haveria o que é chamado de "o isolamento geográfico do Rio Grande do Sul" e que seria responsável pelo estado ser "um todo separado do mundo pelos areais litorâneos, pelas serras e pelas selvas" (PEREIRA, 1982, p. 143). A natureza, ao mesmo tempo em que teria prendido os gaúchos com um espaço físico dos mais férteis e benéficos às atividades humanas, os teria contemplado com uma posição de difícil acesso, ilhando-os no Continente de São Pedro e fazendo com que este ficasse isolado por dois séculos do Brasil.

A essa peculiaridade geográfica somar-se-ia uma história sui generis. Ela inicia com uma integração tardia ao resto do país. Assim, embora descoberto no começo do século XVI, o Rio Grande do Sul só começa a se articular às atividades econômicas do Brasil colonial mais de um século depois, através da pressão do gado suíço, cujo objetivo era a exportação de couro para a Europa que era feita através de Buenos Aires ou Sacramento. E recém no final do século XVII que esses rebanhos ganham importância em nível nacional, pois passam a ter um mercado interno na florissante mineração da zona das Gerais, o que estimula paulistas e lagunistas a virarem prestes o gado suíço existente no Rio Grande do Sul e a levá-lo à área de mineração.

O objetivo da coroa portuguesa era, entretanto, o de posar as terras que iam do sul de São Vicente até a Colônia de Sacramento (fundada por ela em 1680) e nesse sentido o Rio Grande do Sul desempenhava "uma função estratégica, como ponto de apoio para a conservação do domínio luso no Prata" (PERALTA, 1980, p. 13). Isso fez com que no começo do século XVIII a Coroa começasse a distribuir sesmarias aos tropeiros que se sedentarizaram e aos militares que se afiançaram, criando-se, assim, as estâncias de gado. Os conflitos militares em torno da Colônia de Sacramento e as disputas relativas à delimitação de fronteiras significaram uma crescente militarização da região, que, em 1760, foi elevada à condição de capitania com o nome de Capitania do Rio Grande de São Pedro.

A posição estratégica do Rio Grande do Sul fez com que ele seja visto como uma área limítrofe que estaria nas margens do Brasil e que poderia tanto fazer parte dele como de outros países, dependendo do resultado das forças históricas em jogo. Respondendo a uma escritora nordestina que considerava os

10

EXPRESSIONS DA CULTURA GAÚCHA

gaúchos acastelhanados e pertencendo mais à órbita platina do que à brasileira, o romancista Érico Veríssimo assim definiu essa situação de liminaridade:

Somos uma fronteira. No século XVIII, quando soldados de Portugal e Espanha disputaram a posse definitiva deste estado, "imenso deserto", tivemos de fazer a nossa opção: ficar com os portugueses ou com os castelhanos. Pagamos um pesado tributo de sofrimento e sangue para continuar deste lado da fronteira meridional do Brasil. Como pode você acusar-nos de espanhóis? Fomos desde os tempos coloniais até o fim do século um território cronicamente conflituado. Em setenta e sete anos tivemos onze conflitos armados, contados as revoluções. Vivíamos permanentemente em pé de guerra. Nossas mulheres varravam depois o luto. Tense na dura atividade da vida campeira – alçar, domar e marcar peçon, conduzir tropas, sair da fazenda diário quebrando a garrida nos maldragados de inverno – e você compreenderá por que a virilidade passou a ser a qualidade mais exigida e apreciada do gaúcho. Esse tipo de vida é responsável pelas tradições impetuosas que ficaram no inconsciente coletivo deste povo, e explica a nossa valente, à nossa vez desconcertante franqueza, o nosso hábito de falar alto, como quem grita ordens, dando não raro aos outros a impressão de que vivemos num permanente estado de cavalaria. A verdade, porém, é que nenhum dos heróis autênticos do Rio Grande que combateu, jamais "proseou", jamais se gabou de qualquer ato de bravura sua. Os meus constituintes que, depois da vitória da Revolução de 1930, se sacaram para o Rio, fatiados, e arramaram seus cavalos no estêreo da Avenida Rio Branco – esses não eram gaúchos legítimos, mas paródis de opereta (VERÍSSIMO, 1993, p. 3-4).

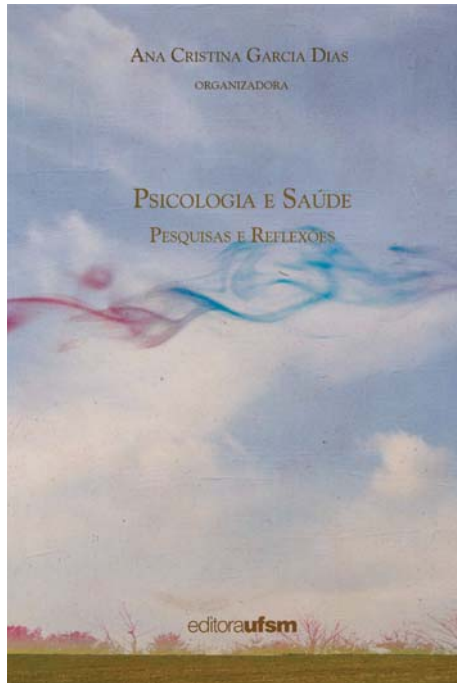
Nessa citação, Érico Veríssimo evoca elementos que são recorrentes no discurso gaúcho. O primeiro é o caráter de fronteira do estado. O segundo é a escolha: o Rio Grande preferia fazer parte do Brasil quando poderia ter optado por pertencer ao antigo Império espanhol. O terceiro é o alto preço pago por essa opção e que é representado pelas guerras em que o estado esteve envolvido e pela necessidade de se insurgir contra o governo central quando se sente vítima de injustiças ou de intervir na política nacional em momentos de crise. O quarto elemento é a existência de um tipo social específico – o gaúcho – marcado pela bravura que é exigida do homem ao lidar com as forças da natureza e a árdua vida campeira. Finalmente, o quinto elemento toca no questionamento da autenticidade de costumes e comportamentos. Temos também a presença das mulheres que aparecem na condição de estâncias. Elas comparecem nesse

11

\* *Projetos de Capas de Livros*

Desenvolvidos na EditoraUFSM.

Livros publicados em 2009 e 2010.



\* Projeto de Capa e Diagramação

Desenvolvido na EditoraUFSM.

Livro publicado em 2009.



O Processo Educativo na Formação e na Prática dos Profissionais da Saúde: Desafios, Compromissos e Utopias

Elisabeta Albertina Nietzsche organizadora

editoraufsm

## Capítulo 1

O Contexto em que Estamos Inseridos: Busca de Estratégias para a Formação de Profissionais Comprometidos com a Construção de uma Sociedade Alternativa

Elisabeta Nietzsche

Este capítulo propõe-se explorar a relação entre o paradigma de ciência inativado e hegemônico, conhecido como cartesiano, e o tipo de profissional da saúde que se forma sob sua orientação – normalmente entendendo o ser humano como resultado apenas de um complexo “bio-químico”. Nesse sentido, a epistemologia tem um papel crucial a desempenhar: proporcionar ao profissional em formação o questionamento necessário com o intuito de dar conta não apenas do paradigma dominante, mas também de valorizar aqueles não-hegemônicos que vivem nas suas bordas; bem como de apontar novas referências para pensar novas formas de fazer ciência.

### 1 O Contexto

Hi quem pense que saúde é um bem que tem início e fim em si mesmo, ou seja, saúde diz respeito apenas ao bem-estar físico e mental. Qualquer ser humano nasce “marcado” por três grandes substituições sociais, quais sejam – gênero, etnia e classe social. Isto, por si só, já seria suficiente para indicar que qualidade de saúde se pode ter. Assim, é praticamente evidente afirmar que uma

Elisabeta Nietzsche

pessoa que nasce em uma família com precárias condições sociais provavelmente fará doenças que um outro nascido sob melhores condições sócio-econômicas jamais terá. Poder-se-ia começar falando sobre desnutrição, por exemplo. Mas o que se quer chamar atenção neste espaço é para a influência ideológica que o paradigma inativado e hegemônico de ciência desempenha na formação do profissional de saúde, com consequências por vezes danosas à população em geral.

### 2 O Paradigma Cartesiano

Quando se faz menção ao termo paradigma não há como não se remeter à sempre citada obra de Thomas Kuhn, A Estrutura das Revoluções Científicas (1987). Com efeito, foi este autor o responsável pelo uso desse conceito na forma como se conhece hoje. Tal conceito, para Kuhn, pode ser traduzido através de duas características desenvolvidas pelos praticantes da ciência, quais sejam:

Seus realizações foram suficientemente seus precedentes para criar um grupo duradouro de partidários, afastando-os de outras formas de atividade científica dissimilares. Simultaneamente, suas realizações eram suficientemente abertas para deixar toda a espécie de problemas para serem resolvidos pelo grupo reunido de partidários da ciência (KUHN, 1987, p.30).

O que Kuhn estava querendo dizer, em outras palavras, é que o conceito de paradigma está umbilicalmente ligado à ideia de sociedade, especialmente no que se refere ao modo de recriação das crenças científicas através das interações sociais de rito permissivas de ideologia e repressão. O paradigma não deixa de ser, grosso modo, filando, um sistema de crenças em cima do qual se produz conhecimento. Assim, substituído o paradigma, ou talvez melhor dizendo, o paradigma hegemônico e os consagrados que “informavam” o período medieval, instaura-se a soberania do novo, aquele que se conhece hoje mais comumente como o paradigma cartesiano, cuja confiança epistemológica se está a questionar.

Indo às verdadeiras origens deste paradigma, o cartesiano, chegar-se-á aos gregos Platão e Aristóteles; mas foram Copérnico, Kepler, Galilei e Newton que o constituíram, com a efetiva sustentação filosófica de Bacon e Descartes, sobretudo deste último. Resulta-se, assim, que os fundamentos dialéticos do cartesianismo têm suas raízes na antiga Grécia. Qual seria sido, então, o (de)direito de Descartes? O que o pensamento cartesiano fez foi ter ido além dos antigos gregos. Sua proposta, bem sucedida, foi ter separado o ser da natureza, sendo que apenas o corpo podia ser considerado parte desta, já que era governado por suas leis físicas; o seu sucesso foi ser ligado a mente a uma posição que estabelecia os próprios fundamentos do conhecimento, um vínculo que o colocava em um status de superioridade hierárquica sobre e acima da natureza, incluindo a natureza do corpo (GROSZ, 1994).

EXPRESSIONS DA CULTURA GAÚCHA

gaúchos acastelhados e pertencendo mais à órbita platina do que à brasileira, o romancista Erico Veríssimo assim define essa situação de liminaridade:

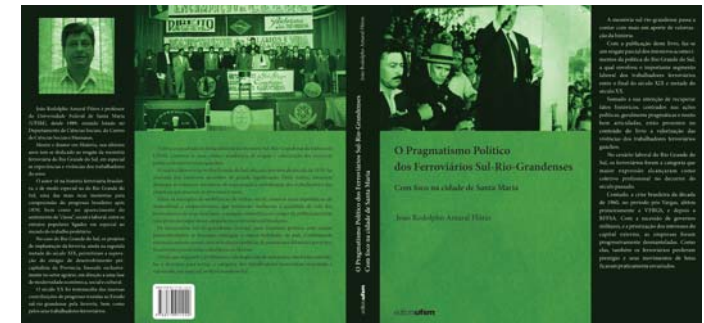
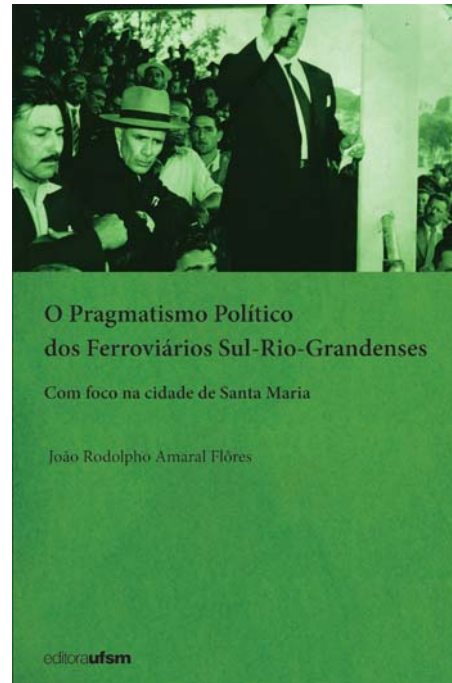
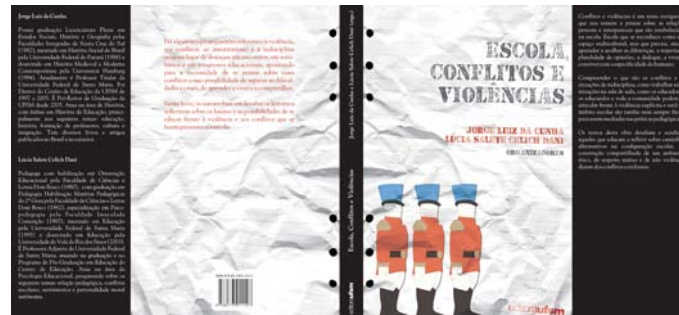
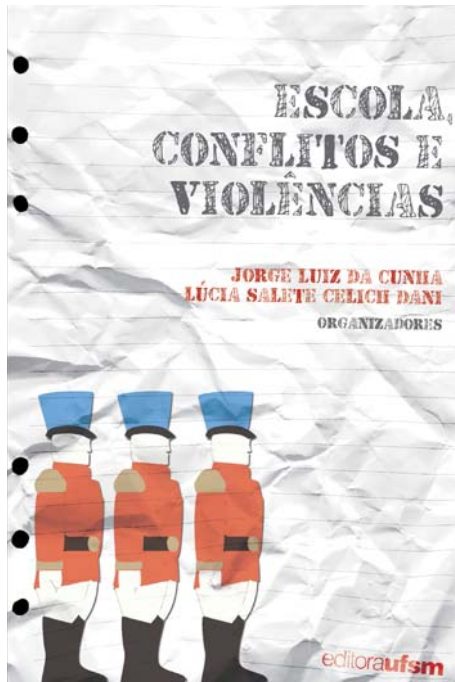
Somos uma fronteira. No século XVIII, quando soldados de Portugal e Espanha disputaram a posse definitiva deste então “imenso deserto”, tivemos de fazer a nossa opção: ficar com os portugueses ou com os castelhanos. Pugnamos um pesado tributo de sofrimento e sangue para continuar descolado da fronteira meridional do Brasil. Como pode ocorrer nos dias de espantoso e Fomes desde os tempos coloniais até o fim do século um território cronicamente conflituado. Em setenta e sete anos tivemos duas condições armadas, comitadas as revoluções. Vivíamos permanentemente em pé de guerra. Nossas mulheres varravam depois do luto. Tense na dura atividade da vida camponês – ajeitar, domar e marcar pecora, conduzir tropas, sair da fazenda depois quebando a gado nas madrugadas de inverno – e você compreenderá por que a virilidade passou a ser a qualidade mais exigida e apreciada do gaúcho. Esse tipo de vida é responsável pelas tradições impetuosas que ficaram no inconsciente coletivo deste povo, e explica a nossa valentia, a nossa às vezes desorientante franqueza, o nosso hábito de falar alto, como quem grita ordens, dando não raro aos outros a impressão de que vivemos num permanente estado de cavalaria. A verdade, porém, é que nenhum dos heróis autênticos do Rio Grande que combateram “proseco”, jamais se gabou de qualquer ato de bravura sua. Os seus costumes eram que, depois da vitória da Revolução de 1809, se sacaram para o Rio, fustigados, e amarraram seus cavalos no umbelico da Avenida Rio Branco – esses não eram gaúchos legítimos, mas parólios de opereta (VERÍSSIMO, 1989, p. 3-4).

Nessa citação, Erico Veríssimo evoca elementos que são recorrentes no discurso gaúcho. O primeiro é o caráter de fronteira do estado. O segundo é a escolha: o Rio Grande preferia fazer parte do Brasil quando poderia ter optado por pertencer ao antigo Império espanhol. O terceiro é o alto preço pago por essa opção e que é representado pelas guerras em que o estado esteve envolvido e pela necessidade de se insurgir contra o governo central quando se sente vítima de injustiças ou de intervir na política nacional em momentos de crise. O quarto elemento é a existência de um tipo social específico – o gaúcho – marcado pela bravura que é exigida do homem ao lidar com as forças da natureza e a árdua vida camponês. Finalmente, o quinto elemento toca no questionamento da autenticidade de costumes e comportamentos. Temos também a presença das mulheres que aparecem na condição de esultadas. Elas comparecem nesse

\* *Projetos de Capas de Livros*

Desenvolvidos na EditoraUFSM.

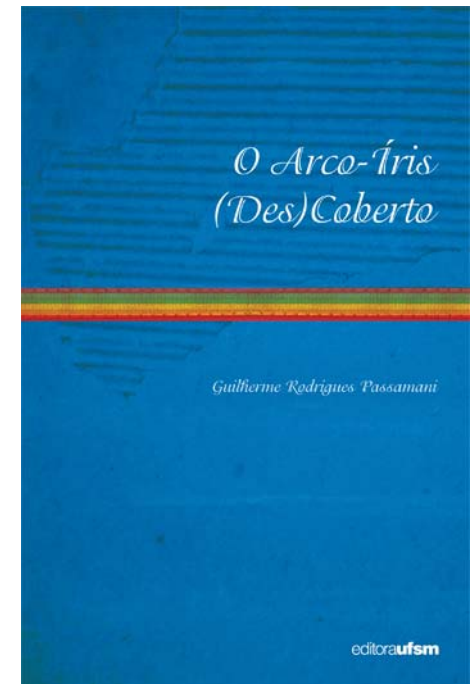
Livros publicados em 2008 e 2009.



\* Projeto de Capa e Diagramação

Desenvolvido na EditoraUFSM.

Livro publicado em 2009.



## Prefácio

Benito Bisso Schmidt,  
Professor do Departamento e do PPG  
em História da UFRGS.

*Somewhere over the rainbow  
Way up high,  
There's a land that I heard of  
Once in a lullaby.*

*Somewhere over the rainbow  
Skies are blue,  
And the dreams that you dare to dream  
Really do come true.*

(Música: Harold Arlen / Letras: E. Y. Harburg)

No filme "O mágico de Oz", de 1939, a pré-adolescente Dorothy, interpretada por Judy Garland – um ícone do imaginário *gay* –, é levada por um ciclone para além do arco-íris, e lá encontra um mundo colorido e mágico, com caminhos de tijolos amarelos, onde o céu é azul e os sonhos se tornam reali-

Benito Bisso Schmidt

dade. Ao final de seu périplo – sempre acompanhada por seus novos amigos – Espantalho, Homem de Lata e Leão Covarde, e por seu cãozinho Toto – ela descobre que o melhor lugar do mundo é o seu próprio lar, mesmo que ele seja uma fazenda no interior do Kansas.

O livro de Guilherme Passamani – originalmente uma dissertação defendida no Mestrado em Integração Latino-Americana da Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação do professor Júlio Quevedo dos Santos – também propõe uma viagem para além do arco-íris. Porém, diferentemente de Dorothy, seus personagens – homens que fazem sexo com outros homens – não descobriram que as cidades do interior do Rio Grande do Sul e da Argentina onde nasceram eram os melhores lugares do mundo para se viver. Ao contrário, preferiram se transferir para Porto Alegre e para Buenos Aires, a fim de viverem com mais liberdade seus desejos e afetos. Eles também não se depararam com reinos encantados e com amigos fabulosos, nem tiveram todos os seus sonhos realizados. Tiveram sim que se defrontar com a homofobia mais ou menos velada vigente nessas sociedades e, na medida do possível, construir espaços de luta e de intimidade para realizarem certas aspirações políticas e afetivas. Alguns optaram pela militância no movimento *gay*, atuando em organizações variadas; outros preferiram viver reservadamente a homossexualidade, lutando contra os preconceitos no âmbito de suas existências privadas.

Para dar conta dessas histórias reais, Guilherme Passamani transitou por campos disciplinares variados – a História, a Sociologia, a Antropologia, as Relações Internacionais – e valeu-se de fontes e métodos diversos, como, por exemplo, a análise da legislação e as entrevistas de história oral. Viajando no tempo e no espaço, o autor construiu seu objeto a partir de diferentes perspectivas analíticas. Estudou, inicialmente, o lugar (ou o "não-lugar") historicamente reservado às homossexualidades na América Latina, qual seja, o do pecado (por força da tradição cristã) e o da marginalidade. Nesse panorama, en-

Prefácio

fatizou o período das ditaduras militares nos dois países examinados, mostrando que, na Argentina, o regime autoritário desenvolveu uma sistemática perseguição aos homossexuais, enquanto no Brasil a discriminação em função da orientação sexual não se constituiu em uma política de Estado. Ressaltou também a pouca atenção dada à questão das homossexualidades nas discussões sobre as relações internacionais e, mais especificamente, nos debates referentes à integração dos países do Cone Sul, em geral centrados nos agentes governamentais e não nos diversos grupos que compõem as sociedades civis desses Estados nacionais.

Passamani também desenvolveu o conceito de "homossexualidades reservadas" para dar conta das experiências de homens *gays* não-militantes, mas também não "enrustidos", ou seja, homens que preferem expressar seus desejos por outros homens "reservadamente" e lutar contra a homofobia na esfera de suas relações pessoais. No pólo oposto, o autor examinou as vivências de alguns militantes do movimento homossexual, no Brasil e na Argentina, que preferiram trazer suas reivindicações para o âmbito público. Porém, mesmo entre eles, manifestam-se fortes diferenças, sobretudo entre os membros das organizações que visam a afrontar as estruturas culturais vigentes nessas sociedades e os daqueles que buscam a integração social dos *gays* pela via dos direitos civis. Por fim, Passamani colocou seus personagens "para conversar", revelando que militantes e "reservados" têm muito em comum, sobretudo no que se refere à expectativa de um futuro no qual as diferentes orientações sexuais não sirvam de critério para o estabelecimento de hierarquias e discriminações.

O autor percorreu todos esses temas com seriedade e paixão, entremecendo a análise acadêmica com a denúncia militante da homofobia. Seu texto nos convida a (des)cobrir o arco-íris e encontrar sujeitos de carne-e-osso, com suas memórias, desejos, temores, aspirações e contradições. Ao contrário da ingênua Dorothy, Passamani sabe que o "reino da felicidade", onde os sonhos se tornam realidade, não está pronto

\* *Monstruario*

Desenvolvimento da identidade visual, dos produtos, da empresa e fotos.  
Empresa própria em sociedade com Mariana L. Pinheiro.

[www.monstruario.com](http://www.monstruario.com)

monstruario 



\* *Catálogo Monstruario*

Trabalho de conclusão de curso.  
Projeto gráfico de catálogo impresso para a Monstruario.

Orientação: prof. Mário Lúcio Bonotto.

monstruario

Numa tarde quente de abril de 2008, os monstros nasceram em Santa Maria da Boca do Monte. Na ânsia de produzirem acessórios diferenciados e com características únicas e irreverentes, que pudessem satisfazer pessoas de bom gosto e apreço por coisas alegres, as sócias monstros Gatti Tocchetto e Mari Pinheiro iniciaram sua trajetória por um caminho de cores, texturas, linhas e botões.

Fazem com prazer os monstros pingentes, chaveiros, broches... Cada um deles carrega a energia de sua confecção, que é focada no objetivo de conquistar cada cliente. Esse sim, autêntico e único, vê nos produtos Monstruario uma maneira divertida e exclusiva de se destacar em meio a tantos outros tons e formas.

**Monstruario, mais cor e vida aos seus dias.**



• CHAVEIRO •  
**Gato bimonstro**  
tecido de algodão  
rosa caracol



\* *Identidade Visual*

*Primeira linha* - Marcas desenvolvidas em 2007, 2008 e 2009, respectivamente.  
Projetos individuais e aplicados.

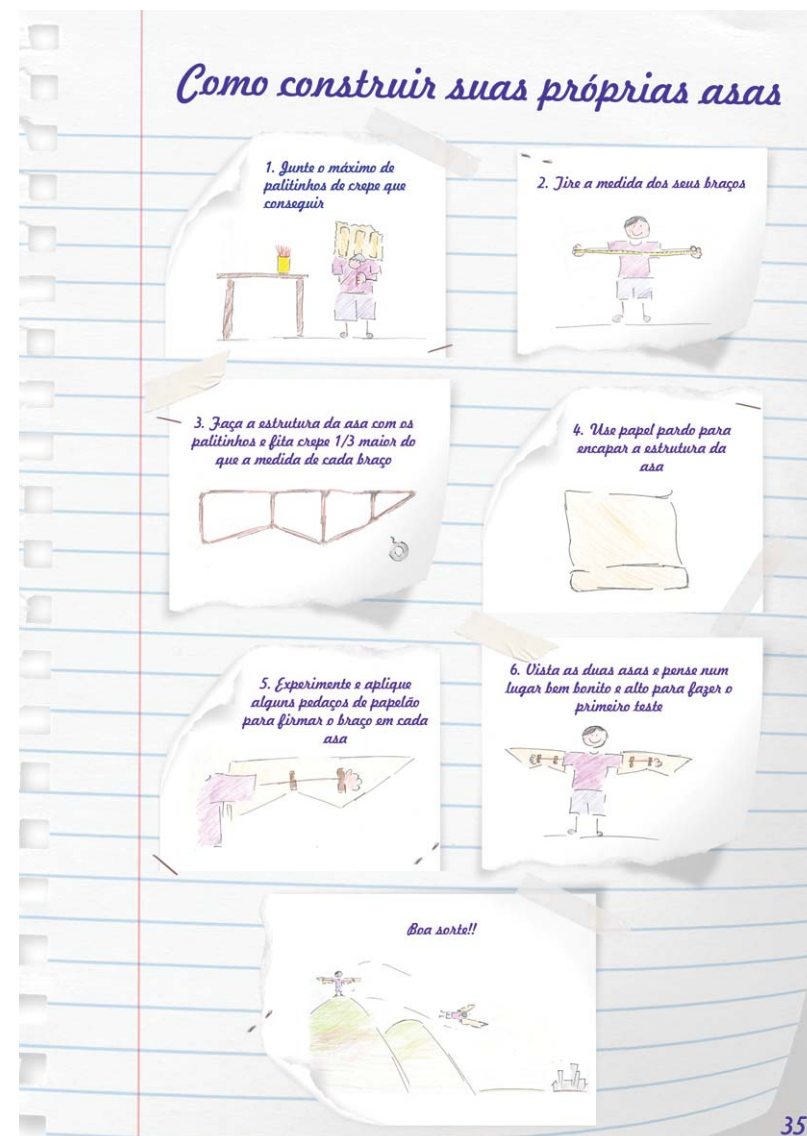
*Segunda linha* - Marcas desenvolvidas na disciplina de Identidade Visual II, no 4º sem (2007).  
Marca da Comissão de Meio Ambiente desenvolvida com Creici Redin Brixner, em 2007.



\* Ilustração didática

Projeto desenvolvido na disciplina de Ilustração II, no 4º sem/2007.

Objetivo: compor ilustração didática com temática livre.



Obrigada,

Graciela Lopes Tocchetto

Contato: F. (51) 21034678 ou 97080728 e [graciela@tocchetto.com](mailto:graciela@tocchetto.com)

Meu currículo disponível em <http://graciela.tocchetto.com/curriculo>